

Jazz

17 de novembro 2014

Ciclo "Jazz +351"

Comissário: Pedro Costa

Baba Mongol

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Seg 17 de novembro
21h30 · Pequeno Auditório
Duração: 1h · M3

Saxofone tenor e soprano José Pedro Coelho
Saxofone barítono, clarinete baixo Rui Teixeira
Piano Hugo Raro Andrade **Contrabaixo** Filipe
Teixeira **Bateria** António Torres Pinto

Como brincar com legos

Baba Mongol. O nome deste grupo do Porto parece, à partida, estranho, mas os termos escolhidos têm justificação muito simples. Para Hugo Raro, porta-voz deste quinteto sem líder, a “baba” é um sinal de «satisfação pura» e o adjetivo “mongol” serve para qualificar situações de «forma muito positiva e única». Mongol é o que é diferente, precioso, sendo precisamente isso o que procura este projeto nascido no Norte. Diz o pianista: «Todo o nosso processo de criação musical é levado com seriedade, mas não abdicamos de nos divertirmos.»

Esse é um processo que se pretende o mais orgânico possível. «Além do que

nos é comum, e nomeadamente o jazz, o facto de existirem entre nós influências diferentes e bastante variadas só enriquece o coletivo. O respeito e a admiração que temos uns pelos outros, e a familiaridade com a maneira de ser e de musicar de cada um, fazem com que o contributo de todos se encaixe muito naturalmente. A cada novo tema proposto e conseguido, a identidade Baba Mongol fica mais coesa e o caminho abre-se a novos desafios», ficamos a saber.

A secção rítmica da banda (Hugo Raro, Filipe Teixeira e António Torres Pinto) é a mesma da dos Low Budget Research Kitchen, trupe dedicada à interpretação da música de Frank Zappa. Mas se constitui o núcleo duro dos Baba Mongol, nenhuma relação direta existe com esse outro investimento. Adianta Raro: «Ao longo do percurso de um músico, encontram-se outros com os quais há empatia e uma identificação musical imediata. É esse o nosso caso, e tal filão deve ser acarinhado. O embrião dos BM data de 2002, ou seja, de antes de existirem os Low

Budget. Era o trio, mais Rui Teixeira no sax e um guitarrista. Quando José Pedro Coelho entrou, os Baba começaram inteiramente a acontecer.»

A música tocada pelos BM é jazz, mas este jazz tem mais que se diga: «Incorporamos todas as influências musicais a que somos sujeitos, seja jazz, rock, pop, clássica / contemporânea, experimental, *soul*, *world music*, música tradicional portuguesa, Zappa e por aí fora. Sobretudo, queremos que seja honesta. Aproveitamos toda a liberdade a que julgamos ter direito, sem pensar a que género pertence. Encaramos com igual orgulho quando se diz que o que fazemos é jazz ou rock ou seja o que for. Uma coisa é certa: queremos tocar música acústica. São os instrumentos acústicos aqueles em que melhor nos expressamos e é esse som acústico que procuramos.»

Também Rui Teixeira e José Pedro Coelho passaram pelos Low Budget Research Kitchen, e isso contribuiu para reforçar as cumplicidades já firmadas e para que, afinal, haja uma ligação indireta com os BM. «Estudar, entender e explorar a música de Frank Zappa em conjunto, com os fantásticos arranjos do Tó Torres, foi um processo de descoberta e aprendizagem muito enriquecedor para todos nós. Até que chegámos à altura em que os BM faziam todo o sentido, sem forçar os *inputs*. A banda apenas poderia funcionar desta maneira e com estes elementos.»

A familiaridade com o rock do lendário mentor dos Mothers of Invention influiu no modo como entendem o trabalho composicional. «Pretendemos

desmistificar a ideia de que os temas de jazz são muito complicados, e com isso aproximar mais pessoas da música. O que fazemos são canções. Abordadas pouco convencionalmente, é certo, mas trata-se de canções. Uma canção pode ser expandida ou condensada, pode ter solos ou não. Algumas das peças são pensadas como *standards*. Outras surgem como interlúdios, elos de ligação. Alguns temas são longos, mas com pouco espaço para a improvisação, outros são quase só improvisação, outros ainda são curtos, mas com codas enormes. É o explorar do formato canção», explica Hugo Raro.

Há um consciente, propositado, fator de variedade e até de contraste. Dá-se uma atenção especial à forma e à estrutura e confrontam-se estas com a espontaneidade e a intuição. «Composição e improvisação complementam-se para criar o todo do tema. Este pode ser composto definindo automaticamente a grelha de solos, sobre a qual acontecerá a improvisação. Mas há alternativas a tal modelo. A improvisação pode ser livre ou pode ser uma secção autónoma do tema. A estrutura pode ser concebida como exposição / improvisação / reexposição, mas também pode ser escrita para que a improvisação aconteça entre secções da exposição, isto é, dentro do próprio tema. Tentamos que a música não se torne previsível ou maçadora, mas sim que surpreenda, que mantenha novidade. É como brincar com legos e fazer tantas construções, com as mesmas peças, quanto possível.»

Podem mudar as regras do jogo, mas mantêm-se o respeito pela tradição do

jazz. «O que fazemos em termos harmónicos varia consoante as situações, mas o certo é que em muitos temas a harmonia corresponde aos padrões do jazz. A evolução desta música sempre procurou o passo seguinte e alguns nomes incontornáveis da sua história exploraram campos harmónicos bastante aventureiros. Isso dá-nos carta-branca para descobrirmos novas formas de tocar jazz, intercaladas com as formas estabelecidas», acrescenta Hugo Raro.

Seja como for, os BM sentem que o seu vínculo com a tradição não é compulsório: «Ao contrário dos músicos americanos que fizeram e fazem esta música, nós não crescemos e vivemos apenas a ouvi-la. Não vivemos naquele país nem fomos expostos a questões intrínsecas daquela sociedade, não respiramos aquele ar nem convivemos diariamente com aquele ambiente cultural, e isso influencia tudo o que acontece. Temos a nossa própria cultura e as nossas experiências, e pensamos que faz mais sentido aproveitar as liberdades que o jazz proporciona e tentar abordá-lo com as nossas próprias influências e maneirismos, em vez de imitarmos os originais.»

Os BM constituem um dos planetas da galáxia Porta-Jazz, associação que reúne uma boa parte dos músicos de jazz da Invicta e que se tornou já numa marca com características muito próprias. «A quantidade e a qualidade dos projetos que têm saído da Porta-Jazz é a prova, se mais fossem necessárias, da falta que fazia uma organização destas na nossa comunidade musical. Muitas

destas bandas não teriam oportunidade de tocar e mostrar a sua música. Vamo-nos todos influenciando uns aos outros. Apesar de cada projeto ter uma identidade bem marcada, penso que há aspetos comuns na maneira de pensar a música e na composição. Arriscamos bastante. O arranjo é sempre muito trabalhado. O repertório é pensado no seu todo e caso a caso. E existe também algo que, não sendo fácil de definir, está lá...»

E tanto assim é que hoje se tornou possível distinguir o jazz feito no Porto daquele que se toca em Lisboa. Raro não tem dúvidas quanto a isso: «Existem realmente abordagens distintas. Penso que tem a ver com questões culturais. São duas cidades que vivem cada uma à sua moda. Há uma maneira de ser das pessoas que é diferente. Há pequenos hábitos e modos de estar que variam. A forma de entender o dia-a-dia e de interagir com quem nos rodeia é distinta. Claro que tal coisa tinha de se notar também na música.»

Baba Mongol não é só jazz português, é jazz do Porto. Desafiante, inconformista, imaginativo, com espírito coletivo e atitude hedonista, fatores que vão faltando nesta Lisboa individualista, competitiva, demasiado ordenada nas suas rotinas e um tanto ou quanto passiva. Escutemo-los, pois, com atenção, enquanto montam os seus legos...

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta,
editor da revista online jazz.pt

José Pedro Coelho
saxofone tenor e soprano

Nasceu em 1984 é saxofonista e compositor. Estudou na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo no Porto. A sua atividade musical consiste em trabalhar com o seu quinteto, com a Orquestra de Jazz de Matosinhos, Ensemble Super Moderne ou os Mongol, bem como com outros artistas como Demian Cabaud, André Fernandes, Mário Barreiros, Carlos Azevedo ou Paulo Perfeito.

Rui Teixeira
saxofone barítono, clarinete baixo

Licenciado em saxofone-jazz pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, colaborou e gravou, a partir de 1995, com grupos ou músicos como os Clã, Maria Anadon, Raul Marques e os Amigos da Salsa, Zé Eduardo Unit, Paulo Gomes Ensemble, Carlos Azevedo Ensemble. É membro fundador da Orquestra de Jazz de Matosinhos.

Para além da sua participação nos Baba Mongol, em concerto e em gravação, faz também parte do Low Budget Research Kitchen (projeto dedicado a tocar exclusivamente a música de Frank Zappa) e formou o Rui Teixeira Group com quem gravou um álbum só com composições suas. Tem-se apresentado por todo o país e na Alemanha, Espanha, Bélgica, Itália e Estados Unidos.

Hugo Raro Andrade
piano

Fez os seus estudos musicais em várias escolas do Porto, na Middlesex University, em Londres, onde concluiu o BA Honours in Jazz Performance.

Foi professor de piano, harmonia e improvisação na Escola de Jazz do Porto e no Instituto Orff na mesma cidade. Atualmente leciona na Escola de Música Valentim de Carvalho.

Participou, como músico, em peças da companhia Seiva Trupe, foi artista residente em Plymouth desenvolvendo uma peça com a companhia de dança Attik Dance, apresentada em Devon e Cornwall. Trabalhou no Teatro Nacional de S. João, participou no espetáculo *Ópera de Todos* para Guimarães, Capital Europeia da Cultura, entre vários outros projetos, designadamente dirigidos a crianças.

Tem vindo a tocar em diversas formações como os Baba Mongol (membro fundador), Quiabo, Low Budget Research Kitchen, Espécie de Trio, Nu-Jazz Orchestra, Quinteto de José Pedro Coelho, Rui Teixeira Group ou Kiko and the Jazz Refugees. Participou na gravação de vários álbuns e apresentou-se por todo o país e no estrangeiro.

Filipe Teixeira
contrabaixo

Nasceu no Porto em 1974. Começou a sua atividade musical com 17 anos tocando rock numa banda de amigos. Cerca de um ano mais tarde inscreveu-se na Escola de Jazz do Porto onde teve

aulas com Alberto Jorge. Prosseguiu, desde então e, paralelamente, os seus estudos musicais (Escola Profissional de Música de Espinho e Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo) e atuações variadas tocando rock, jazz e clássico. Em 2004 concluiu o seu percurso académico com uma bolsa Erasmus no País De Gales onde frequentou o Royal Welsh College.

Desde então tem dividido a sua atividade entre o ensino, as atuações e gravações em projetos como Low Budget Research Kitchen, Nu Jazz Big Band, Diogo Vida Quarteto, Richard Okkerse Progressive Ensemble e Baba Mongol, entre outros.

António Torres Pinto

bateria

Estudou na Escola de Música do Porto, na Escola de Jazz do Porto e concluiu o Curso de Composição do Conservatório de Música do Porto, na ESMAE e na ESML.

Lecionou as disciplinas de Formação Musical, Análise e Técnicas de Composição na Escola de Jazz do Porto, na Academia de Música de Espinho, no Centro de Ensino Musical de Braga e na Escola Profissional de Música do Porto.

Foram estreadas várias peças de sua autoria para piano-solo, agrupamentos de câmara e formações jazzísticas.

Atualmente integra vários projetos na área do jazz, prosseguindo a sua atividade docente nas áreas da Formação Musical, Treino Auditivo e Análise, nomeadamente na Academia de Música Valentim de Carvalho.

Autor de diversos arranjos de obras de Frank Zappa, fundou o Low Budget Research Kitchen, octeto instrumental dedicado exclusivamente à interpretação da música do compositor norte-americano. Nesse âmbito, participou em recentes publicações da editora britânica Cordelia Records.

Tocou com Manuel Belezza, José Meneses, Ricardo Fabini, Carlos Mendes, George Letellier, José Luís Rego, Carlos Azevedo, Pedro Abrunhosa, Mário Santos, Hélder Gonçalves, Maja Makaric, Aires da Silva, Luís Lapa, Nuno Ferreira, Paulo Barros, Mai Seidlin Norby, Pedro Gonçalves, Mário Delgado e Pedro Barreiros, entre outros.

babamongol.bandcamp.com

A seguir

Festa do Cinema Romeno

Cinema De qua 19 a dom 23 novembro
Pequeno Auditório · M12



The Happiest Girl in the World, de Radu Jude

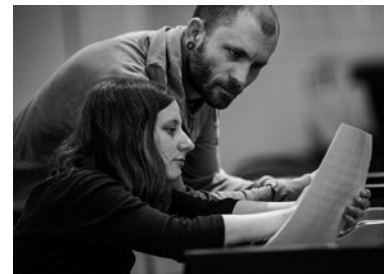
Em novembro, uma das mais interessantes cinematografias europeias chega a Lisboa. De 19 a 23, a Culturgest recebe a Festa do Cinema Romeno que inclui uma retrospectiva integral da obra de Radu Jude. Consulte o programa completo em indielisboa.com/festadocinemaromeno · culturgest.pt

Próximo espetáculo de música

Alexandra Grimal e Giovanni di Domenico

Ciclo "Isto é Jazz?"
Comissário: Pedro Costa

Jazz Sex 16 de janeiro
Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M6



© Helene Collon

O que podia ser uma limitação formal - o duo de piano com instrumento de sopro, uma formação mais usada na música clássica - eles transformam num jogo de exploração de possibilidades, entre o escrito e o tocado espontaneamente, que salta para fora das margens estabelecidas. Pode soar-nos familiar, mas depressa se instala um delicioso inconformismo.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Alice Neiva

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiários:

Ana Pessoa

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Mariana Frazão

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
